



POSTO DE TRABALHO

Valter Vinagre

27 Maio a 25 Junho 2017

Amarante

Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso

Em **Posto de Trabalho** Valter Vinagre apresenta trabalhos fotográficos num registo entre a realidade objetiva e poética.

...Estas fotografias de Valter Vinagre são captadas em bosques e florestas de um Portugal que os geógrafos dividem entre uma dimensão atlântica e outra mediterrânica e que uma certa antropologia empírica situa entre a herança celta e a germânica, a herança clássica e a muçulmana. Mas não há memória de fadas ou de elfos em nenhum destes lugares: o imaginário popular e a reelaboração erudita que dele faz a literatura ocupam-nos antes de bruxas e de mouras encantadas, cavaleiros caçadores e damas pé-de-cabra, pastores melancólicos e pastoras, umas esquivas, outras jocosas...

...Porém, os bosques destas fotografias parecem situar-nos numa outra realidade, bem diversa do lirismo ou bucolismo que descrevemos. Se quisermos manter a metáfora do jardim mítico teremos que perceber que estes não são jardins paradisíacos e também não lugares infernais – são, simplesmente, espaços devastados, longe de todas as possibilidades de sagração ou maldição...

...A iluminação de palco criada por Valter Vinagre para o registo de cada cenário acentua a diferença entre o modo como se olha uma realidade e o modo como se vive nessa realidade – e era essa a intenção do fotógrafo: mostrar o reverso das lendas e dos encantos naturais dos bosques e florestas; falar de uma natureza desnaturalizada e desnaturada de onde os provisórios habitantes se obrigam a fugir não por razões mágicas mas por medo social, onde não há torres de marfim mas poços escuros, onde as princesas (crístas, mouras, negras) são prisioneiras de uma cadeia social (a da emigração clandestina e da prostituição) e não de um bruxedo, onde não há cavaleiros que as salvem mas proxenetas e clientes (eles mesmo em perda) que as atiram ainda mais para o fundo, onde a beleza das damas durará pouco ou há muito se fanou, substituída

pela doença ou pela deformidade, onde o medo, a cupidez, o ódio, a vingança ganharam lugar à doçura no olhar de cada uma.

É tudo isto que (não) se vê nas fotos de Valter Vinagre. Quanto mais preciosamente compostas (como se pode tirar/encontrar beleza nas composições destes presépios de miséria?), quanto mais delicadamente iluminadas (como se pode desenhar com uma luz tão pictural a volumetria de um espaço tão real?), quanto mais esteticamente pensadas (como se pode mostrar sem raiva um cenário de inferno e nojo?), tanto mais o fotógrafo nos ensina a ver a miséria que transportam. Não se trata de escolhermos entre caminhos que sucessivamente se bifurquem: temos que escolher os dois caminhos: o da fotografia como prática autónoma; e o da fotografia como discurso de denúncia – ambos nos servem para ver estes trabalhos.

João Pinharanda in **O jardim dos caminhos que se bifurcam**, texto para a exposição realizada no Cinzeiro 8 do Museu da Electricidade , Lisboa. 2015

BIOGRAFIA DO ARTISTA

Nascido em Avelãs de Caminho (Anadia, Portugal), Valter Vinagre estudou fotografia no AR.CO (Centro de Arte e Comunicação Visual, Lisboa) entre 1986 – 1989 e iniciou o seu percurso em finais dos anos 1980, realizando exposições individuais e participando em mostras e iniciativas de cariz coletivo.

De início conotado com uma fotografia próxima do registo documental, o seu trabalho passou a interiorizar um exercício mais reflexivo sobre a imagem, criando discursos sobre os significados associados à paisagem, à viagem e ao lugar da cidade.